
O HOMEM E SUAS REPRESENTAÇÕES SOBRE A MORTE E O MORRER: UM PERCURSO HISTÓRICO

CAPUTO, Rodrigo Feliciano¹

Resumo: Este trabalho tem como objetivo investigar as mudanças espaço-temporais ocorridas nas representações e atitudes do homem diante à morte e o morrer. Assim foram investigadas algumas das grandes culturas e religiões, tais como: mesopotâmica, grega, cristã, judaica, hindu e, de maneira especial, a cultura ocidental da idade média até a contemporânea.

Palavras-Chave: morte – representações – tabu.

Abstract: This chore does have as a goal to investigate the space-time changes that occurred at the man's representations and attitudes when thinking about the death. Beside of all, some of the greatest cultures and religions were investigated, such as: Mesopotamic, Greek, Christian, Jewish, Hindu and in a special way, the occidental culture from the middle age until the contemporary one.

Key-Words: death – representations – taboo.

SABER ACADÊMICO

1 – A morte na Antiguidade

Não é pretensão deste trabalho realizar um tratado sobre a morte, mas sim demonstrar o modo distinto com que algumas culturas têm lidado com a morte e o morrer e as significativas transformações que ocorreram ao longo do tempo e do espaço. Mais precisamente foram investigadas as representações da morte nas seguintes culturas e religiões: mesopotâmica, grega, cristã, judaica, hindu e, de maneira especial, a cultura ocidental da idade média até a contemporânea.

A morte é caracterizada pelo mistério, pela incerteza e, conseqüentemente, pelo medo daquilo que não se conhece, pois os que a experimentaram não tiveram chances de relatá-la aos que aqui ficaram. Todos esses atributos da morte desafiaram e desafiam as mais distintas culturas, as quais buscaram respostas nos mitos, na filosofia, na arte e nas religiões, buscando assim pontes que tornassem compreensível o desconhecido a fim de remediar a angústia gerada pela morte.

A morte tem um papel de grande relevância nas sociedades. Para ilustrar tal afirmação Giacoia (2005) afirma que a maneira como uma sociedade se posiciona diante da morte e do morto tem um papel decisivo na constituição e na manutenção de sua própria identidade coletiva e, conseqüentemente, na formação de uma tradição cultural comum. Isso pode ser constatado nas culturas descritas a seguir.

A sociedade Mesopotâmica sepultava seus mortos com tamanho zelo que juntamente com o corpo eram postos vários pertences que marcavam a identidade pessoal e familiar do mesmo (roupas, objetos de uso pessoal e até mesmo a sua comida favorita), garantindo assim que nada lhe faltaria na travessia do mundo da vida para o mundo da morte, implantado no subterrâneo terrestre. Este rito objetivava a representação de morte que os mesopotâmios tinham, que era a de passagem.

Já os gregos tinham como característica cultural nos seus ritos funerários a prática de cremar os corpos dos mortos, com o intuito de marcar a nova condição existencial destes, a condição social de mortos. Entretanto, havia dois tipos de mortos basicamente: os mortos comuns e anônimos e os heróis falecidos. Os primeiros eram cremados e enterrados coletivamente em valas, uma vez que eram vistos como simples mortais. Já o segundo tipo era levado à pira crematória, reservada para os grandes heróis, na cerimônia da bela morte, uma vez que nas representações dos gregos esse tipo de morte tornava imortal o morto. Esse tipo de simbolização da morte pode ser constatada na obra de Homero, denominada *Ilíada*, onde o autor aponta Aquiles como o melhor dos gregos em função de seus atos de bravura (GIACOIA, 2005).

2 - A morte e as religiões

Os hindus, como os gregos, tinham o costume de incinerar os corpos. Entretanto, o sentido era completamente diferente, pois os gregos cremavam com o intuito das cinzas guardarem a memória dos mortos. Já os hindus cremavam o cadáver, o qual era despojado de sua identidade, personalidade e inserção social. Uma vez consumido pelo fogo, as cinzas eram lançadas ao vento ou nos rios.

Através deste ritual os hindus objetivavam a sua representação da morte que consistia na passagem para outro plano da existência: o fundir-se com o Absoluto, o acesso ao Eterno, ao Nirvana, ou seja, à paz originária.

Ao contrário dos gregos, para os hindus a grande personalidade não era o herói, nem o rei, mas sim aquele que fosse capaz de negar-se a si mesmo, despojando-se de seus traços individuais. Com isso, o indivíduo admirável para os hindus eram os ascetas, os monges, os quais despojavam-se a tal ponto de abrir mão dos dois mais poderosos mananciais da vida: o desejo de conservação e de reprodução. Estes não tinham os corpos cremados, mas eram enterrados em posição de meditação, em covas nos lugares sagrados, nos quais eram realizadas peregrinações e indicavam para os hindus que o verdadeiro sentido da vida era o despojamento do corpo, o que resultaria numa preparação para a morte gloriosa (GIACOIA, 2005).

Já para a civilização cristã e para boa parte dos judeus (aqueles que acreditam na ressurreição) a morte era vista como passagem para outra dimensão, a transposição ao eterno sofrimento e expiação (inferno), ou o acesso ao eterno gozo, reservado aos bem-aventurados (o paraíso).

A morte para os cristãos era um estágio intermediário, um sono profundo do qual acordariam no dia da ressurreição, quando as almas voltariam a habitar os corpos. É devido a essa crença que os cristãos há muito tempo enterram os corpos dos defuntos com grande escrúpulo. “Essa idéia introduziu uma nova percepção e poupou gerações ao longo de séculos da idéia aterradora do fim definitivo” (FLECK, 2004, p. 1999 Apud GIACOIA, 2005).

3 - A morte e a Civilização Ocidental

É importante salientar que a sociedade ocidental tem as suas raízes na civilização grega, berço do pensamento ocidental, bem como no judaísmo e no cristianismo, religiões estas que influenciaram muito a cultura ocidental, a qual será abordada a partir da Idade Média até a Idade Contemporânea.

Na Idade Média é possível identificar mudanças significativas em relação à morte e ao morrer em dois momentos: na primeira Idade Média ou alta Idade Média (do século V até o XII) e na segunda Idade Média ou baixa Idade Média (do século XII até o XV).

Na primeira Idade Média a morte era “domesticada”, “familiar”, ou seja, havia certa intimidade entre o morrer e o cotidiano da sociedade, a tal ponto que este ato era encarado como algo natural da vida. Era comum o moribundo, pressentindo a chegada de sua morte, realizar o ritual final, despedir-se e quando necessário reconciliar-se com

a família e com os amigos, expunha suas últimas vontades e morria, na esperança do juízo final quando alcançaria o paraíso celeste. É por isso que nesta época a morte súbita, repentina era considerada vergonhosa e às vezes considerada castigo de Deus, pois a morte casual inviabilizava o processo do morrer descrito acima.

Era comum os parentes e amigos logo após a morte do moribundo romper em grandes manifestações de luto. “Tão logo se constatava a morte, irrompiam em torno às cenas mais violentas de desespero” (ARIÉS, 1989b, p. 153).

Os defuntos eram enterrados somente com os sudários (sem caixão) em grandes valas, nas quais eram depositados vários cadáveres, nesta época não se tinha a necessidade de um túmulo próprio para o morto, o qual seria sua propriedade perpétua. O cemitério e a igreja se confundiam, uma vez que os mortos eram enterrados tanto no interior das igrejas (ricos) quanto no seu pátio (pobres). Está prática está ligada à idéia de que uma vez enterrados perto dos santos e mártires estes guardariam os mortos enterrados ao seu derredor protegendo-os do inferno. É importante salientar que embora a igreja e o cemitério estivessem interligados, ambos não deixaram de ser lugares públicos, nos quais ocorriam encontros e reuniões, de forma que vivos e mortos conviviam em locais comuns. (ARIÉS, 1989a)

Já na segunda Idade Média ocorreram mudanças significativas nas representações da morte no Ocidente. A partir do século XII, ao invés da certeza passa a reinar a incerteza, uma vez que agora cabia à Igreja intermediar o acesso da alma ao paraíso e o julgamento final deixava de ser visto como evento que ocorreria nos Tempos Finais e passa a ser visto como um evento que aconteceria imediatamente após a morte e resultaria na descida ao inferno (no sofrimento eterno) ou a ascensão aos céus (na alegria eterna) e isso dependeria da conduta do moribundo antes da morte.

Essas mudanças causaram alterações nas perspectivas das pessoas em relação à morte, a qual deixava de ser algo natural e passava a ser uma provação. “Sente-se que a confiança primordial está alterada: o povo de Deus está menos seguro da misericórdia divina, e aumenta o receio de ser abandonado para sempre ao poder de Satanás” (ARIÉS, 1989b, p. 163).

Esta mudança de perspectiva em relação à morte, ocorrida no século XII, faz com que esta passe a ser “clericalizada”, segundo Ariés (1989b), é a maior mudança antes das secularizações do século XX.

Na baixa idade Média já não é mais legitimado perder o controle e chorar os mortos. O corpo do morto antes tão familiar passa a se tornar insuportável e assim, durante séculos o mesmo vai ser ocultado numa caixa sob um monumento, onde não é mais visível. "Pouco tempo depois da morte e no próprio local desta, o corpo do defunto era completamente cosido na mortalha, da cabeça aos pés, de tal modo que nada aparecia do que ele fora, e em seguida era fechado numa caixa de madeira ou *cercueil* (caixão), termo francês proveniente de sarcófago, *sarceu*" (ARIÉS, 1989b, p. 180 – 181).

Na Idade Moderna, a partir do século XVIII, as atitudes do homem perante a morte alteram-se mais uma vez, de modo que, essa passa a ser romantizada e o homem desta época passa a ter complacência com a idéia da morte. O morrer passa a ser também um momento de ruptura, no qual o homem era arrancado de sua vida cotidiana e lançado num mundo irracional, violento e cruel. Assim passa a ocorrer uma radical separação entre a vida e a morte e uma laicização da última.

As igrejas deixaram de ser o local dos enterramentos, os quais passaram a ocorrer em cemitérios, construídos nas margens da cidade, marcando assim uma dicotomia entre vivos e mortos.

Os sepultamentos deixaram de ser anônimos, o que marca um movimento de individualização das sepulturas e de preocupação de demarcar o lugar onde havia sido depositado o corpo do defunto. "Pretendia-se agora ter acesso ao lugar exato onde o corpo havia sido depositado, e que esse lugar pertencesse de pleno direito ao defunto e à família" (ARIÉS, 1989a, p. 50).

A partir do século XIX o luto é ressignificado e passa a ocorrer um exagero do mesmo o que "quer dizer que os sobreviventes aceitam a morte do próximo mais dificilmente do que noutros tempos. A morte temida não é, por conseguinte, a morte de si mesmo, mas a morte do próximo, a morte do outro" (ARIÉS, 1989b, p. 48).

Após este percurso histórico é importante salientar que, embora desde o começo da Idade Média até o século XIX as representações e, conseqüentemente, as atitudes do homem perante a morte sofreram transformações importantes e sutis, estas por sua vez não alteraram a familiaridade com a morte e com os mortos. "A morte tornara-se um acontecimento pleno de conseqüências; convinha pensar nela mais aturadamente. Mas ela não se tornara nem assustadora nem angustiante. Continuava familiar, domesticada" (ARIÉS, 1989a, p. 44).

Entretanto, a partir da segunda metade do século XX, passa a ocorrer uma mudança brusca, na qual a morte deixa de ser familiar e passa a ser um objeto interdito. Um fator material importante que impulsionou esta transformação foi a transferência do local da morte. Já não se morre em seu domicílio, no meio dos familiares, mas sozinho no hospital.

O velório também deixa de ser realizado na casa da família, na qual antes o corpo ficava exposto e era visitado pelos entes queridos, pois cada vez menos é tolerado a presença do morto em casa, tanto em função de questões de higiene quanto por falta de condições psicológicas de vivenciar esta situação.

Maranhão (1986) afirma que a sociedade ocidental contemporânea tem estabelecido, através de formas culturais, a redução da morte e tudo o que está relacionado a ela no intuito de negar a experiência da mesma.

Torres (1983) descreve que os psicanalistas existenciais apontam que se no início do século XX o grande tabu se dava em relação ao sexo, no final do referido século o grande tabu é ligado à morte. Na atualidade é comum as crianças receberem informações sobre sexualidade, porém quando se trata da morte esta é mascarada relacionando-a com uma “viagem”, “descanso”.

Segundo Carvalho (1996) na atualidade evita-se falar de morte, bem como de ver o corpo do moribundo, pois isto nos traz à consciência a idéia de nossa própria finitude. Em função desta interdição da morte é comum o círculo de relação do moribundo ocultar ao doente a gravidade do seu estado buscando assim poupá-lo desta provação.

Essas transformações atingem os ritos funerários os quais passam a ter cerimônias mais discretas, condolências breves e o encurtamento no período dos lutos (SOUZA, 2002) ou como apresenta Maranhão (1986, p. 18 – 19)

Depois dos funerários, o luto propriamente dito. O dilaceramento da separação e a dor da saudade podem existir no coração da esposa, do filho, do neto; porém, segundo os novos costumes, eles não os deverão manifestá-los publicamente. As expressões sociais, como o desfile de pêsames, as “cartas de condolências” e o trajar luto, por exemplo, desaparecem da cultura urbana. Causa espécie anunciar seu próprio sofrimento, ou mesmo demonstrar estar sentindo-o. A sociedade exige do indivíduo enlutado um autocontrole de suas emoções, a fim de não perturbar as outras pessoas com coisas tão desagradáveis. O luto é mais e mais um assunto privado, tolerado apenas na intimidade, às escondidas, de uma forma análoga à masturbação. O luto associa-se à

idéia de doença. O prantear equívale às excreções de um vírus contagioso. O enlutado deve doravante ficar isolado, em quarentena.

Segundo Souza (2002), este fenômeno ocorre não só em função da morte deixar de ser vivenciada, mas também pelo fato da cultura ocidental passar a priorizar a preservação da felicidade.

Outro indicativo para a interdição da morte na atualidade se dá em função da contrastação que a mesma provoca numa sociedade cada vez mais tecnológica e totalmente voltada para a produção e para o progresso (COE, 2005; MARANHÃO, 1986; VILAR, 2000).

E por fim há apontamentos de que esta negação da morte é um problema das sociedades individuais, nas quais a dor da perda gerada pela morte é mais intensa do que nas sociedades coletivas, as quais possuem relações sociais que vão além do próprio indivíduo, o que lhes possibilita a diluição da dor na coletividade e que os mesmos encarem a morte de modo natural (SANTOS, 2000; VILAR, 2000).

Considerações finais

Após percorrer várias culturas e religiões é possível verificar que embora a morte tenha um caráter universal, pois o homem está fadado a sua condição de ser finito. As representações deste em relação à morte sofrem alterações significativas no tempo e no espaço, fato este que pode ser observado no decorrer da história da humanidade.

Fica claro que na cultura ocidental a ruptura ocorrida a partir da segunda metade do século XX, na qual a morte deixa de ser “familiar”, “doméstica” e passa a ser um “tabu”, algo no qual o homem pós-moderno tenta fugir, a fim de não lidar com a mesma. Porém, a sua condição de mortal não permite que esta “fuga” seja bem sucedida, pois esta faz parte do ciclo vital, de forma que o homem terá que lidar com a morte dos seus entes queridos e por fim enfrentar a própria morte.

É evidente que, embora esta atitude de não lidar com a morte não evita que esta o atinja, porém impede é que o homem crie meios de enfrentar e elaborar aquilo que é inevitável, pois tal como diz o ditado popular “a maior certeza que o homem pode ter é que um dia há de morrer”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ARIÉS, P. **Sobre a história da morte no Ocidente desde a Idade Média**. Lisboa: Teorema, 1989a.

_____. **O homem diante da morte**. Trad. Luiza Ribeiro. Rio de Janeiro: Francisco Alves, v.1, 1989b.

CARVALHO, V. A. A vida que há na morte. In.: BROMBERG, M. H. P. et al. **Vida e morte: laços da existência**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1996.

COE, A. J. H. **A morte no século XIX e a transferência dos enterros das igrejas para os cemitérios em São Luís**, 2005. Disponível em: <http://www.uema.br/revista_emfoco/anaisagostinho.htm>. Acesso em: 03 abr. 2006.

GIACOIA, J. O. **A visão da morte ao longo do tempo**. Disponível em: <http://www.fmrp.usp.br/revista/2005/vol38n1/1_a_visao_morte_longo_tempo>. Acesso em: 03 abr. 2006.

MARANHÃO, J. L. S. **O que é morte**. 2 ed. São Paulo/; Brasiliense, 1986.

SANTOS, M. S. R. **O sentido da perda na cidade**. Mestranda pelo PPGS-UFPB (Campus I - João Pessoa). Disponível em: <<http://www.cchla.ufpb.br/paraiwa/00-santos>>. Acesso em: 03 abr. 2006.

SOUZA, M. B. **A morte esperada**. 2002. Disponível em: <<http://www.jornalismo.ufsc.br/redealcar/cd3/jornal/mirellabravodesouza>>. Acesso em: 03 abr. 2006.

TORRES, W. C. A redescoberta da morte. In: GUEDES, W. G; TORRES, R. C; _____ (Orgs). **A Psicologia e a morte**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1983.

VILAR, M. **Luto e Morte: uma pequena revisão bibliográfica**. João Pessoa, 2000. Disponível em: <<http://www.cchla.ufpb.br/caos/01-vilar.htm-25>>. Acesso em 03 abr. 2006.

¹ Graduado em Tecnologia e Informática e graduando em Psicologia, do Centro Universitário Católico Salesiano *Auxilium* UNISALESIANO – Campos II, Lins-SP.